

## O ADOLESCENTE DE RUA: UMA PASSAGEM PERIGOSA

**Profa. Dra. Liliana Liviano Wahba, Psic. Me. Felícia Araújo**

**Denise Ramos:** Vamos dar continuidade agora ao nosso simpósio, com o tema Adolescente de Rua, uma Passagem Perigosa, eu queria convidar a professora Liliana Wahba, e a psicóloga mestre Felícia Araújo. Doutora Liliana é doutora em psicologia pela PUC, professora do Núcleo Junguiano, Membro Analista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica da qual foi presidente, é Diretora de Psicologia da Associação Ser em Cena, Teatro de Afásicos. Felícia Araújo é mestre em psicologia pela PUC, professora da FMU e Trainee da SBPA.

**Prof. Liliana Wahba:** É um prazer estar com vocês aqui, eu vou falar brevemente, introduzir um trabalho da Felícia, do mestrado aqui no nosso núcleo, cujo resultado vocês vão poder ver, e quem tiver interesse pode procurar se adentrar mais nessa pesquisa. Eu queria agradecer a todos, além de todos vocês, alguns mestres que estão aqui, sem dúvida primeiro a Profa. Mathilde Néder, nossa professora querida, à qual Denise já deu todos os agradecimentos que ela merece, depois os meus formadores da SBPA, entre os quais tem aqui o Professor Nairo Vargas, a Professora Iraci Galiás, que participa deste Simpósio. O nosso trabalho visa o realce do individual, Jung foi um mestre do tempo estendido, ele, como ninguém, soube trazer o tempo estendido da humanidade e analisou profundamente esse tempo junto ao tempo interior, o tempo interior arquetípico. Jung, no entanto, com sua genialidade, não poderia se estender em todos os temas importantes que merecem atenção. De alguma maneira, nos nossos estudos, podemos resgatar algo que faltou em Jung, que quando apontou o inconsciente coletivo e o inconsciente cultural, trouxe a história, especialmente em “Ensaio Sobre Eventos Contemporâneos”, mas não atinou com os  *fatos*  da história, com a precisão, com a atenção que eles mereciam. Esta é a parte que Jung não cuidou tão bem, e não pode ser uma crítica a Jung, que estava tão envolvido com teorias inovadoras, questionando novos rumos, e vilipendiado pelo grupo psicanalítico.

Aqui é importante lembrar que ele antevia a história como mestra da vida, ou seja, é na reflexão histórica do que acontece no momento que nós encontramos um sentido para o viver. Um sentido para a nossa humanidade, temos várias interconfluências no sentido da nossa humanidade, e havia um significado que Jung trazia como primordial no processo de individuação. O fato histórico é uma narrativa, por que? Porque existe o fato e existe a subjetividade, existe a reflexão, uma reflexão  *a posteriori* , uma perspectiva que nos traz a sensibilidade de nosso viver, essa sensibilidade do viver não pode jamais, e hoje o tema é trauma e superação, estar contida nos eventos históricos per se, não pode ser meramente causalista, isso o Jung também apontava, mas consiste na possibilidade de se olhar, pensar, para resgatar aquilo que eventualmente está escondido, reprimido, oculto.

Um dos temas urgentes, sem dúvida, da nossa história atual, é o menor de rua, o menor abandonado. O menor, o adolescente, o jovem, seja diretamente abandonado como é crucialmente abandonado, exposto como a Felícia mostra no trabalho dela, mas também o abandonado por pais que estão muito ocupados com tantos afazeres, com tanta competição: tem distintos níveis de abandono.

Seja a criança, como a Professora Felícia Araújo nos mostra, esses pequenos que se crêem onipotentes, e na realidade são onipotentes do nada, que são onipotentes com um vazio tremendo, a ser preenchido pelo consumo, pela droga, pelas barbaridades que nós vemos aí, de classes socialmente muito altas, que teriam tudo e não têm nada. O que se falar desses que realmente foram relegados, excluídos do nosso convívio social, nós nem queremos olhá-los quando andamos na rua, fechamos os vidros. E, no entanto não somos horríveis, fechamos os vidros porque nós levamos tiro, sim, nós somos mortos por esses menores, mas para eles a vida interior já está morta, por isso nada vale, tanto vale viver ou morrer. Orientei o trabalho belíssimo de Felícia e ela vai apresentar, vai mostrar que no caminho do sonho, há um potencial, que consiste naquilo que nós podemos despertar enquanto analistas, enquanto

psicólogos, para atender o indivíduo e a perversão da história. A Felícia conseguiu traçar uma poesia, mas uma poesia do horror, é uma poesia do horror que se entreabre para a poesia da esperança. Ela conseguiu com muita coragem entremear o horror e a esperança. Uma esperança que não é uma esperança piegas, não é uma esperança de fé, é uma esperança de construção. Jung nos mostrava muito do arquétipo da fé, da religiosidade, nós temos fé e religiosidade, mas não é uma fé cega, nós temos uma fé do trabalho, uma fé do investimento e uma fé da construção, abrir dentro da possibilidade da construção esse espaço interno que pode trazer um caminho e uma semente de cura, como veremos depois, em outras mesas do nosso simpósio, que é um trabalho árduo e difícil e precisa, sim, arregaçar a manga e não ficar à toa devaneando ou fantasiando sobre qual é a melhor caminho de individuação. Individuação se dá na paz, individuação é aqui e agora, com nossas dores, nossos conflitos e nossas esperanças dentro de um processo de individuação como Jung belamente, sabiamente, nos ensinou. Então muito obrigada, eu passo a palavra para a Felícia que vai mostrar esse importante trabalho.

**Felícia Araújo:** Primeiro, eu queria agradecer a oportunidade e o convite de vir aqui participar desse evento, é uma alegria falar de um trabalho que eu fiz com muito cuidado, no qual tive uma orientação tão cuidadosa de que eu me orgulho tanto E também é uma alegria vir aqui na PUC, também um carinho enorme por essa instituição, então estou muito contente. Como a Liliana disse, eu vou mostrar um pouco de uma pesquisa de mestrado que fiz aqui no Núcleo de Estudos Junguianos que se chama “Passagem Perigosa, a Constituição da Identidade de Jovens em Situação de Vulnerabilidade Social”, essa pesquisa foi relacionada, realizada com entrevistas de 20 jovens que tiveram ou a vivência de rua ou que se envolveram com tráfico de drogas. Esses jovens eram participantes de uma instituição que se chama Projeto Pixote, que se dedica ao atendimento de crianças, adolescentes e às famílias, esse atendimento é realizado através de oficinas de atividades para crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social.

A questão da rua e do tráfico de drogas são só duas das questões abordadas ali. Estamos falando de jovens que passam por uma fase muito importante da vida, que é a adolescência, quando acontece um grande acesso de energia psíquica que impulsiona o jovem para importantes transformações, que são físicas, psicológicas e sociais, é um momento muito intenso, e devido à intensidade desse momento - Eric Erikson mostra que na adolescência ocorre uma crise normal, porque é muito intensa-. A adolescência acontece de uma forma muito especial quando acontece na rua ou no envolvimento no tráfico de drogas, ganha uma nova dimensão na rua e no tráfico de drogas.

Nesse mestrado realizei algumas leituras simbólicas do relato desses jovens a partir do relato de sonhos e do material de entrevistas: percebem-se as reflexões de experiências na psique desses jovens. A primeira coisa que é importante destacar é a alta frequência do tema da violência nos sonhos, são imagens de mortes, de tiros, facadas, brigas, agressões e isso corrobora com a vivência de violência. A violência, portanto, é um fator esperado como um fator comum no cotidiano e por isso também comum no sonho.

Falando um pouco dos contexto, da vida na rua. Os jovens vão para a rua muito frequentemente por conta de brigas na família, muitas vezes intensas, muitas vezes violentas. E eles vão, então, em busca de novos vínculos e também da liberdade que se tem na rua, do jeito de se viver na rua. A prática de alguns roubos, o uso de drogas, faz parte da sociabilidade da rua e eles vão, também, em busca disso. Contam sempre histórias de violência, de abandono e de fragilidade dos vínculos familiares. Pode-se pensar que os meninos que estão na rua não têm família ou morreram, não existem. Alguns têm famílias, mas os vínculos são frágeis, alguns meninos e meninas estão ali há dias, outros há anos, mas a maioria transita entre estar em casa, estar na rua e estar nos abrigos.

Quanto ao tráfico de drogas: os jovens, quando decidem ir em busca desse envolvimento com a organização criminosa, vão muitas vezes deslumbrados com as promessas de dinheiro e

poder, vezes deslumbrados com o status que tem um criminoso na comunidade, pelo poder que tem o criminoso na comunidade. Vem compensar uma vida marcada pela impotência, uma vida marcada pela invisibilidade, então eles vão em busca dessa valoração. A organização do tráfico de drogas oferece diferentes vínculos, diferentes cargos, e, de acordo com o cargo assumido, você tem um tipo de vínculo com essa organização. O cargo mais baixo é a venda de pequena quantidade de droga, e é esse cargo em que os participantes da pesquisa estavam envolvidos. Eles fazem isso em troca de dinheiro e droga para consumo.

De modo que a rua e o tráfico de drogas são ambientes perigosos, ameaçadores, hostis e o cotidiano é marcado pela agressividade, pelo medo, e nessa dinâmica da violência os jovens são agentes e também vítimas dessa violência. As regras que regem esses contextos são regras rígidas e a punição ao erro é muito severa, podendo, muitas vezes, chegar à morte, principalmente no tráfico de drogas. Então o jovem vive num estado de alerta constante, prestando atenção para não errar nunca, e isso é uma necessidade de adequação e também de sobrevivência. Enquanto eles vão estruturando uma persona para viver nesses contextos, essa persona tem que conter aspectos que possam dar conta do contexto violento. Percebe-se, portanto, que um padrão violento que já era vivido de alguma forma na família e na comunidade se repete nesses contextos. São contextos que funcionam numa dinâmica patriarcal destrutiva, com deficiência na proteção à vida, no constante sentimento de medo e desamparo, nos relacionamentos marcados pela agressividade e na presença da droga, que é um alívio, sim, mas também é um prazer traiçoeiro, porque os mantém presos a esses contextos, a essa dinâmica.

Na rua, principalmente, eles passam fome, frio, ficam com saudades, ficam sujos, são condições que não favorecem a estruturação psíquica que os torne capazes de cuidar de si mesmo, capazes de desenvolver um bom autoconceito ou buscar relações de vínculos saudáveis. Esses ambientes também funcionam numa dinâmica patriarcal destrutiva percebida nas regras severas, na punição cruel, na ausência de negociação e reparação, numa organização hierárquica rígida e numa maneira que potencializa a forma, a força da agressividade de uma forma violenta e criminosa. São condições que não favorecem a consolidação de uma estrutura interna de autoridade, nem a construção de uma consciência moral e mantém os jovens numa situação de dependência e falta de autonomia.

Eles ficam inseridos nesse contexto de uma forma pouco consciente, quase que entorpecidos, e dizem que quanto mais você se envolve, mais difícil é sair dali, funciona como um vício, quase e eles usam essa palavra “funciona como um vício”. Há muita dificuldade em avaliar aquilo que eles vivem e a consequência daquilo que eles vivem. Claro que isso é favorecido pelas condições que eu acabei de mostrar, um ambiente violento, muito agitado, permeado pela droga, pelo medo, pelo sexo indiscriminado, pela falta de sono, pela adrenalina do risco.

E os sonhos tratam dessa falta de reflexão sobre aquilo que eles vivem. São sonhos em que o ego onírico aparece desligado ou adormecido, muitas vezes, são sonhos que mostram que a realidade incide sobre esses jovens independente daquilo que eles decidem, e são imagens também que mostram o jovem percorre um caminho que o leva a esses contextos, mas eles não têm consciência desse caminho percorrido.

Aqui há um exemplo, um sonho para ilustrar esse fato: “Sonhei que eu estava na rua e amanhecia cheia de tiros, eu estava dormindo e tomava um tiro na cabeça de um cara, que um outro cara estava devendo”. O ego onírico está desacordado, é uma menina que sonhou isso, o ego onírico estava desacordado, ela é acometida por uma situação com a qual nem tem relação, porque é um tiro de um cara que um outro cara estava devendo, ela não tem nenhuma relação com isso e o tiro atinge a cabeça, o lugar da reflexão, o lugar da consciência, é o lugar do pensamento.

Além dessa dificuldade de avaliação em que vivem, percebe-se uma avaliação ingênua das situações perigosas e das suas reais capacidades e limites, o que vai denunciando um estado de inflação egóica. Isso também aparece nas entrevistas; conforme eles vão contando as experiências, é fácil perceber uma crença numa imunidade diante do risco e uma busca,

muitas vezes, por soluções fantásticas para os conflitos vividos. O estado de inflação egóica é comum na adolescência, para investir no poder transformador na busca de uma individualidade, na busca de novas referências. Mas neste caso em que os jovens vivem um risco real contra a vida, a inflação egóica pode ser muito perigosa. Trouxe aqui também um exemplo, um sonho para ilustrar isso: “Sonhei que eu estava na favela e que eu ia morrer, tinha tomado vários tiros de dois ou três caras e chegou a polícia. Cai no chão, aí eu levantei do nada e eu estava com um colete à prova de balas e pensei: ‘oshh, eu não estava com isso aqui’, aí eu fui atrás dos meninos e eles acharam que eu era um espírito, depois os caras me mataram de verdade”. O que esse sonho mostra: uma exposição a situações muito perigosas e a maneira de se relacionar com os riscos. Num primeiro momento uma crença num colete à prova de balas que ela não possuía e depois a decisão do ego onírico de continuar atrás desses homens armados, depois de ter já se salvado, continuar atrás dos homens.

Seria muito importante se no meio dessa agitação da rua, dessa agitação do tráfico de drogas, os jovens pudessem ter um momento de pausa, um momento para parar, para ver o que estão vivendo, para refletir, para reconsiderar algumas escolhas, mas é muito difícil ter um momento de pausa nesse ambiente acelerado. Esse momento de pausa, de reflexão poderia ajudar a ajustar a consciência na sua dimensão real, ter uma consciência mais próxima do seu tamanho real, dos seus verdadeiros autores e limites e dos perigos enfrentados por eles. Mas é muito difícil. No entanto, algumas vezes esses jovens vivem esse momento de pausa quando levam um grande susto e eles se assustam quando eles enfrentam um grande perigo, quando quase morrem, quando perdem alguém muito querido, e, algumas vezes, quando vão presos. E, às vezes, esse susto é vivido em um sonho. São sonhos que chocam o sonhador quando o ego precisa despertar, sonhos que retratam exatamente o que é vivido pelo jovem; é um espelho, que retrata exatamente a crueldade própria daquela vivência e mostra a possibilidade de um desfecho trágico para essa história; são sonhos que causam muito medo, eles acordam assustados e isso chama a atenção para o risco que estão correndo.

São sonhos que mobilizam, que provocam, que abalam e muitas vezes eles param para pensar no que eles estão vivendo depois de acordar de um sonho desses. Claro que, às vezes, isso não é suficiente para tirá-los desses contextos, mas acredito que isso cria um registro emocional, e que o trabalho com esses jovens pode tentar acessar os registros feitos por esses sonhos. Esses sonhos trazem frequentemente o tema da morte, e o tema da morte é um tema que vale uma atenção especial, porque ele aparece na realidade e também é um símbolo, o símbolo da morte pode ser entendido de várias maneiras.

A morte é a possibilidade de morte real do sonhador, que é real, e ainda a possibilidade de morte de aspectos valiosos desse sonhador que estão sucumbindo diante de algumas situações muito desestruturantes vividas. E, uma terceira forma de entender, seria a necessidade ou anúncio de transformação, porque a adolescência clama por transformações, é uma condição de tornar-se, é uma condição de passagem, por isso o tema da morte também é muito frequente em qualquer adolescente, é frequente na adolescência.

Richard Frankeln mostra que os jovens são atraídos por experiências transformadoras, por vivências de morte e renascimento, porque alguma coisa no jovem precisa morrer para que algo novo nasça. E no caso desses jovens da pesquisa, a rua e o crime são alternativas disponíveis e também transformadoras. Há vivências violentas e também vivências transformadoras, quanto mais envolvidos nesse contexto, mais marcados por elas são, mais aptos a serem meninos de rua, mais aptos a serem jovens do tráfico, eles se dizem transformados por essas experiências.

O que acontece é que a disposição adolescente por mudança se une a uma força transformadora e iniciática das experiências da rua e do tráfico de drogas. Disso decorre primeiro, uma possibilidade de morte real, ao se viver concretamente essa disposição por mudanças de uma forma literal, e aí, realmente, perder a vida e morrer. E nessa fase em que as coisas estão se estruturando, algumas bases estão se estruturando, e sobre essas bases vão

se desenvolver as próximas etapas da vida, o que constitui um momento muito especial que irá definir seus futuros.

Os sonhos mostram que essas definições ainda não estão claras, existe um conflito interno. Aparecem personagens nos sonhos que empurram esses jovens para as vivências na rua e o tráfico de drogas e isso é uma alternativa real para a vida deles, eles podem seguir esse caminho. E tem personagens que tentam afastá-los de lá.

Nessa situação de indefinição, nesse conflito que aparece nos sonhos, mostram-se quais são as peças que estão em jogo: mostram que existe a presença de elementos violentos dentro e fora deles. Às vezes elementos violentos dos quais é preciso fugir, que não dá nem para mudar, às vezes um sonho retrata apenas que há esse elemento violento, mas não há condição de mudar. E às vezes aparece a possibilidade de integrar alguns recursos para que seja possível lidar com esse mal, sem ser levada por ele e nem precisar fugir dele. O exemplo de um sonho de uma menina: “Um diabo muito forte me perseguia e eu fugi para uma igreja que tem atrás da minha casa. Depois uma mulher de lá me disse que esse diabo é muito forte, você não vai conseguir detê-lo”, e o sonho acaba aí. Então acaba nesse momento de deflagrar a existência desse conteúdo.

Os sonhos também mostram que há recursos a serem integrados, existem possibilidades a serem integradas que podem ajudar nas mudanças de vida. Às vezes esses aspectos são relacionados à ordem, à proteção, à reflexão, à consciência, que são aspectos relacionados à constituição psíquica, à constituição da personalidade, à luz do arquétipo do pai. E às vezes são aspectos relacionados ao zelo pela vida, ao cuidado deles por eles mesmos, à autoproteção que são aspectos da estruturação psíquica à luz do arquétipo da grande mãe. E os sonhos mostram a necessidade de se estabelecer um diálogo mais efetivo com alguns aspectos internos, os sonhos trazem imagens de diálogos que não funcionam, “eu falo, o outro não escuta”, “eu não consigo escutar o que o outro fala”. Um exemplo de um sonho que vai mostrar um pouco disso: “Tive um sonho que eu estava tomando banho e começou a sair sangue da minha língua, saí correndo para o quarto da minha mãe”- esse é um menino que tinha envolvimento com o tráfico de drogas -, “acordei e fiquei pensando que parecia um aviso de que vai acontecer uma tragédia, acho que sangue na língua parece um aviso para eu parar de usar drogas porque danifica o meu cérebro”. O trabalho com esse sonho foi mostrando que existem experiências que trazem consequências, primeiro ponto. Depois, parece que ele escuta coisas, que ouve coisas que lhe ferem os ouvidos, mas parece que ele não está escutando. Uma outra forma de compreensão é que muitas vezes, frequentemente, a gente pensa que o ouvido não recebe informação do mundo externo, a gente escuta coisas, nesse caso parece que o ouvido recebe uma informação do mundo interno, sai sangue, precisa se escutar. Talvez esse sonho simbolize a necessidade de escutar coisas que existem dentro dele. E aí ele faz uma associação de que o cérebro está danificado, de que tem um órgão lesado, que precisa se reconectar com a capacidade de refletir, de pensar sobre aquilo. E na *lisis* do sonho, no fechamento do sonho, ele vai buscar a mãe, que é uma representante dos aspectos relacionados ao cuidado, à proteção.

Esse sonho ilustra a necessidade de dialogar melhor com os processos internos. Mas o sonho não para por aí, ele chama a atenção, também, para uma condição importantíssima para que haja transformação. As potencialidades precisam uma atitude favorável para possibilitar a transformação, uma decisão, e tais potencialidades podem se perder sem a possibilidade de integração. Essa perspectiva é muito importante no trabalho dos jovens porque lhes devolve as potencialidades, tira eles de uma posição muito vitimizada e lhes devolve a responsabilidade pela vida, a possibilidade de transforma-la. Vejamos o seguinte sonho: “Sonhei que a minha avó foi atropelada, eu estava traficando, ela foi lá onde eu estava, eu não fui embora com ela, ela foi sozinha e foi atropelada”. Então a avó foi chamar, ele não foi e a avó morreu.

Tais sonhos revelam que é o momento de se investir nesses jovens porque as coisas estão em definição, para que as oportunidades, as possibilidades vislumbradas nesses sonhos, que foram apresentadas pelo mundo interno, possam se realizar. Mas os jovens, muitas vezes, se

sentem sem saída, descrentes, não lhes é possível acreditar em outra vida, não percebem outras possibilidades de futuro, não percebem as suas potencialidades. E aí aparece uma categoria de sonhos que trazem símbolos muito luminosos que mostram alternativas.

Então, nos meninos que têm vivência de rua aparece frequentemente o símbolo de voltar para casa, a possibilidade de retorno dessa trajetória, de um novo caminho em direção a eles mesmos, de sair dessa condição de desapropriação de si mesmo, por uma condição de estar em casa, de retomada de si mesmo, de reapropriação de si mesmo. Como no sonho: “Sonhei uma vez que eu tinha saído do abrigo e tive um sonho que eu acordei em casa, aí eu achei que esse sonho era realidade. Eu acordei, conversei com o meu pai no meu sonho e ele ficou feliz que eu tinha voltado para casa. Aí eu acordei e comecei a chorar, porque eu também estava feliz de ter voltado para casa, este é o sonho que eu mais lembro”.

E os jovens do tráfico sonham frequentemente com o símbolo da liberdade, muitas vezes eles entendem esse símbolo como uma liberdade concreta, de não estar preso, de estar no *mundão*, como eles dizem. Mas esses sonhos mostram uma liberdade psíquica, uma liberdade interna, de possibilidade de vislumbrar outras possibilidades, de traçar novos caminhos. Como no seguinte sonho: “Eu estava na prisão, sonhei que estava a maior ventania no prédio, foi antes da minha audiência, sonhei que o prédio estava balançando e o portão se abriu e eu saindo, acho que esse sonho fala da minha liberdade”. Aqui aparece o símbolo do vento, um símbolo tão importante do espírito, que parece que vem destruir essa vida carcerária que está edificada dentro dele.

Para terminar, gostaria de enfatizar que os sonhos por si não afinam nenhuma mudança, mas mostram alternativas, apontam movimentos internos, mostram trajetos possíveis de desenvolvimento. Claro que a transformação das histórias de vida vai depender de uma série de outros fatores e auxílio para que essas possibilidades possam se realizar. Com certeza há possibilidade de retorno em muitos casos, não em todos. O trabalho desses jovens pode se valer dessa diretriz dada pelo sonho. Como declarado por Jung: “O sonho é um produto natural e altamente objetivo da psique, do qual podemos esperar indicações ou pelo menos pistas de certas tendências básicas dos processos psíquicos”.

O sonho e os símbolos apontados se revelam mais uma vez como um instrumento muito importante de trabalho clínico e também de compreensão de uma situação, de uma condição. O trabalho com sonhos trouxe uma compreensão mais profunda da vida que esses jovens trazem, eles trouxeram imagens para complementar o que é dito pelos jovens na entrevista. Possibilitam o trabalho, a observação do que eles vivem de uma maneira simbólica também, porque facilmente a gente é desapontado por um discurso do concreto - muito importante - é muito duro. Esse modo de ver nos aproxima desses jovens, favorece a empatia, eles nos deixam mais próximos deles, eu acho que isso possibilita a compreensão dessa condição que eles vivem de outra maneira, possibilita uma compreensão do que significa esses jovens inseridos dentro da sociedade da qual fazemos parte, e até possibilita olhar para os nossos próprios conteúdos internos de uma maneira diferente. Obrigada...